

Barbárie e Poesia

Vera Lins

Carlos Ávila, poeta mineiro contemporâneo, em “De repente”, do livro *Área de risco*, como Baudelaire em “A uma passante”, nos coloca a questão de Benjamin - como fazer poesia com a vivência de choque, espoliados que fomos da experiência, por uma nova barbárie que assola o mundo.

De repente
de repente
uma esquina
você
e o vento

outro outono
som de sombras

vozes interrompidas
sinais apagados

novamente
uma esquina
você
e o lento

f
i
m

Em “Experiência e pobreza” e em “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, Benjamin fala da nova barbárie em que vive o homem moderno, exposto à vivência de choque, impossibilitado de fazer e intercambiar



experiências. E, em “Sobre alguns temas em Baudelaire”, desenvolve a questão em relação à poesia. Para viver a modernidade é preciso uma constituição heróica. O poeta é um herói, um esgrimista e um trapeiro, luta com os choques e cata o que fica jogado no chão. A cidade moderna, os meios técnicos de comunicação, a reprodutibilidade técnica da obra de arte, fazem-no pobre de experiências comunicáveis, encerram-no na nova barbárie. E Benjamin vê, em Baudelaire, a poesia resistindo e se fazendo com ela.

Aqui, temos o poema “O Sobrevivente”, de Drummond, emblemático dessa situação. Drummond, que fala em “Nosso tempo”, que “Este é um tempo de homens partidos”, diz no poema que é impossível fazer poesia nestes tempos, mas no final, reconhece ter feito um poema:

O Sobrevivente

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.

Impossível escrever um poema – uma linha que seja – de verdadeira poesia.

O último trovador morreu em 1914.

Tinha um nome de que ninguém se lembra mais

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples

Se quer fumar um charuto aperte um botão

Paletós abotoam-se por eletricidade.

Amor se faz pelo sem fio.

Não precisa estômago para digestão

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda
falta muito para atingirmos um nível ra-
zoável de cultura. Mas até lá felizmente,
estarei morto.

Os homens não melhoraram

e matam-se como percevejos.

Os percevejos heróicos renascem.

Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.

E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.



(Desconfio que escrevi um poema)

Já vi essa questão em Paul Celan e Ingeborg Bachmann. Vejo-a agora em nossos contemporâneos, acossados pela violência das cidades, os meios de comunicação e os gestos adestrados, de que falava Benjamin em relação à fotografia, hoje acentuados pelos celulares. Em “Este é o céu”, Carlos Ávila retoma o negativo, a impossibilidade:

este é o céu
possível
cinza-chumbo
nada além
(remete
aos versos
sombrios
de éluard
na morte
de nusch)

este é o meu
impossível
canto-calado
para ninguém

O poema se dá pelo negativo, a partir da impossibilidade, esgrimindo, em luta com ela. Faz referência ao poeta francês, que já se debatia com a situação. E no poema “obstáculos”, constrói o poema com a palavra *obstáculos* repetida como uma pedra no meio do caminho:

obstáculos
à beleza



de todo tipo
em toda parte
...
obstáculos
à beleza
obstáculos
obstáculos

Outro poeta mineiro, Ronald Polito, se debate também com a impossibilidade frente à barbárie. Do livro *Ao abrigo*, trago o poema “Indisciplina”

Agora já é depois do pesadelo
Todos os profetas partiram
o coração
A boca da fera pega e come a fera menor
O pássaro de pedra está parado
Os cães a essas horas estão treinando
É preciso se habituar com chumbo
Uma sensação adquire sua embalagem
Em cada coisa acorda uma catarse
Aqui cai um grão da grande muralha

Voltando a Carlos Ávila, no mesmo livro, o poema “De escárnio & mal dizer”, descreve a situação de barbárie, em que a cultura fica subordinada à economia - ‘a vida em vídeo’ rima com “avida dollars”, criando uma aproximação entre vida e avidez. E no final associa a imagem que impera nessa sociedade, em que a economia domina, lembrando Débord e de novo Benjamin, que já discutia a situação nos anos 30.

pululam
analfabetos:
a vida



em vídeo

ignorância

in english

(ânsia de ser
le dernier cri)

velocidade

e ruído

montaram assim
a sua bestética

valores?

(ávida dollares)

preferem

o econômico

as burras

dos burros

cheias:

ouro podre

criaram assim

a ditadura

da imagem

e da usura

E o poema e o poeta não têm lugar, é o que diz em “Displaced” do mesmo livro de 2012:

torto

(errante)

de dentro



para fora

à deriva

na página

e em toda

parte

(escrita

em adiantado

estado de

decomposição)

torturado

nos

ângulos

agudos

da forma

A linguagem é a arma do poeta, a contra-palavra de Celan. Qualquer língua funciona como as barras de uma prisão (*Sprachgitter* é o nome de um livro de Celan), por seus sentidos prontos, ideológicos. Ingeborg Bachmann usa o termo *zerschreiben*, escrever cortando, para dizer desse lidar com a linguagem, que faz a poesia, arrancando-a do sentido comum, transformando-a em imagem. Costa Lima diz em *A ficção e o poema*, que na poesia a emoção se transforma em imagem, o desespero já aprendeu a refletir. Drummond fala dessa luta com as palavras em “O lutador”. Que é a esgrima de que fala Benjamin sobre Baudelaire. Benjamin pensa por imagens, como os poetas.

Benjamin se identifica com Baudelaire na sua melancolia, seu *spleen*, E vai sustentar sua tese sobre o drama barroco alemão na melancolia como está gravada numa imagem de Dürer, pintor e gravador alemão. Há nele como em Baudelaire a consciência da modernidade como uma perda. Perda da Experiência enquanto *Erfahrung*, memória individual e coletiva, vinculada ao inconsciente e a tradição. Ficamos com a *Erlebnis*, experiência ligada à existência privada, à solidão e à percepção consciente. E perda de uma linguagem, da qual só temos traços. Para algumas teorias da linguagem, a poesia é



a primeira língua dos homens, em que não havia a separação entre as palavras e as coisas, os signos e os elementos designados. Essa língua foi arruinada, só encontramos vestígios dela. O divertimento do melancólico é produzir alegoria – uma escrita imagética, polissêmica, ambígua.

O pensador é o melancólico, o alegorista que traduz essa escrita arruinada e a remonta em novas combinações, Cabe ao filósofo e ao poeta recriar essa linguagem. Na língua ficaram reflexos dessa linguagem original perdida, que dão a ela um caráter mágico. O poeta e o filósofo são assim também tradutores, pois a tradução recria o original. Benjamin usa a imagem da cabala do vaso quebrado, do qual teríamos que catar os cacos.

Walter Benjamin é um pensador pouco ortodoxo na relação com as teorias que toma emprestado. Está em diálogo com Marx, Nietzsche, Freud, Kant, o primeiro romantismo alemão de Novalis e Schlegel e o pensamento teológico judaico e cristão. Michel Löwy no livro *redenção e utopia* cita Adorno que diz que Benjamin está distante de todas as correntes, no cruzamento dos caminhos. Isto é, seu pensamento é atravessado por correntes contraditórias, mas consegue uma fusão num pensamento novo, singular. Seu texto é difícil porque diferente, não linear: são fragmentos, citações e imagens que dão um sentido de incompletude e enigma ao que diz. Mas também corporalidade, concretude.

Para Benjamin a filosofia é uma experiência de linguagem. A verdade é construída através de sua exposição, isto é não há uma verdade anterior ao que vai sendo escrito no texto. Benjamin queria ser crítico literário, diz Hannah Arendt em *Homens em tempos sombrios*. A literatura e as artes plásticas ajudaram-no a pensar estreitando a relação tão cara aos românticos alemães entre filosofia e poesia. Benjamin liga crítica a filosofia e a história. Hannah Arendt diz que ele pensa como poeta. Pensa com imagens, por analogia. Para ele o pensamento opera por semelhanças, estabelecendo relações. Depois se descobriram poemas seus.

Benjamin une a crítica à filosofia e à história e realiza a aproximação entre filosofia e poesia tão cara aos românticos alemães. Põe a imagem a serviço do pensamento.

O anjo da história é uma de suas imagens que sobrevive a um texto escrito no calor da hora nazista, em 1940. Benjamin nasce em 1892 e morre em 1940 de forma



trágica. Viveu os conflitos da república de Weimar, as contradições da esquerda alemã e a ascensão do nazismo.

Benjamin critica a idéia de progresso e a história que vê uma sucessão linear de acontecimentos num tempo homogêneo e vazio com a imagem de uma gravura do pintor Paul Klee – o Angelus Novus. Nessa gravura o anjo é impelido para a frente por uma tempestade que não se pode deter e que ele compara ao progresso. O anjo olha para trás e vê um monte de ruínas. Com essa imagem Benjamin tenta mudar nossa concepção de uma história progressiva, linear, evolutiva, dizendo que a história é uma sucessão de catástrofes. Ao historiador cabe retomar esses cacos, ruínas, resíduos e interpretá-los criando uma constelação de imagens da história em vez da sucessão habitual. Mas sempre a partir do presente, do agora. Cabe ao historiador diz ele, escovar a história a contrapelo. Opõe o materialista histórico ao historiador burguês. È impossível contar a história tal como de fato foi, ela é uma construção.. A história é sempre contada pelo vencedor, a classe dominante. Há uma história dos vencidos a ser contada. A historiografia tradicional deve ser minada e refeita pelo trabalho da memória. Deve ser recontada Aqui ressoam as considerações de Nietzsche sobre a história, a idéia de recalque de Freud, o conceito de luta de classes de Marx e o messianismo judaico que ele associa a idéia de revolução. A idéia de redenção judaica significa abolir o mundo existente e substituí-lo por outro. Baudelaire queria interromper o curso do mundo. Nas teses a idéia de revolução se liga à interrupção do progresso e à atualização de uma sociedade sem classes.

O texto é tecido de imagens como a dos revolucionários que atiram contra os relógios, explodindo o continuum da história e o tempo homogêneo e vazio contado pelos relógios. A história deve ser reminiscência, quando o historiador reconhece um determinado elemento do passado como seu contemporâneo há redenção. Se atualizam possibilidades recalçadas. Há possibilidades na história, que não são realizadas e esperam novas gerações que as realizem.

Para falar do tempo, Benjamin se volta a um escritor Proust (traduz dois volumes de sua obra) e sua concepção de memória involuntária que cria imagens em que passado e presente se interpenetram e suspendem o tempo. O tempo para Proust é pleno de possibilidades: Uma hora não é somente uma hora é um jarro cheio de perfumes, de sons, de projetos e de climas. A memória involuntária que se move ao



acaso das associações devolve ao sujeito empobrecido da modernidade a possibilidade de uma experiência transformadora. Proust não descreveu uma vida tal como de fato foi e sim uma vida lembrada por quem a viveu. A memória involuntária tece imagens visuais. A experiência da *madeleine* é uma imagem. Proust recupera na sua escrita as correspondências de Baudelaire.

E com Baudelaire Benjamin partilha sua paixão pelas imagens. Baudelaire diz no seu diário: “Glorificar o culto das imagens minha grande, minha única, minha primitiva paixão” e quem diz imagem, diz imaginação. Benjamin traduz os quadros parisienses de Baudelaire. Nesse trabalho articula uma teoria da tradução. E ainda com Baudelaire vai pensar a questão da experiência. Vê Baudelaire fazendo poesia com aquilo que chama de vivência de choque – a resistência consciente que temos de opor ao choque de um mundo modernizado e mecanizado das grandes cidades. Ele serve de material poético. Na poesia de Baudelaire vê a consciência crítica da modernidade.

Para Benjamin essa Paris de que fala Baudelaire é uma escrita de imagens que vai interpretar no trabalho das passagens. *Passagenwerk*. As passagens, as galerias são uma criação do século XIX junto com o aparecimento das mercadorias, são a origem do shopping-center moderno em que o passante circula entre mercadorias, ele próprio uma mercadoria.

. No seu trabalho crítico Benjamin liga o espiritual ao material, a superestrutura a estrutura econômica, como um marxista. E a cidade para ele é um universo de imagens, para ser interpretado, uma escrita.

No drama barroco ele recupera uma tradição recalcada, a do barroco em que a violência histórica era ostentada. Recupera a alegoria, uma profusão de imagens enigmáticas que opõe ao símbolo transparente do classicismo. E faz uma teoria do homem moderno em contraposição ao clássico. A matéria da criação barroca é o fragmento, a ruína. As metáforas barrocas falam de incompletude e despedaçamento mas têm a utopia romântica de tornar as palavras plásticas e musicais, de novo hieróglifos. No barroco os pensamentos se evaporam em imagens. Ele pensa o barroco a partir do presente do surrealismo que também privilegia a imagem.

Para falar do escritor nos tempos modernos Benjamin usa três imagens de Baudelaire,



o esgrimista, que tem que lutar contra os choques da vida moderna;
o trapeiro, que cata o lixo da cidade enquanto os outros dormem, e
o flâneur que passeia pela cidade sem fim prático, ao acaso, se perdendo ao
decifrar suas imagens, resistindo ao pragmatismo da vida moderna.

Para Baudelaire o inferno é aqui, o mundo do sempre igual que aparece como novidade.. Para Benjamin é preciso fundar o conceito de progresso da indústria, do maquinismo e da moda sobre a idéia de catástrofe.

Faz a pergunta, como manter a dignidade, a humanidade num mundo de aparelhos e mercantilização. Critica a técnica. Viu a guerra como uma revolta da técnica. Somente a guerra permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as relações atuais de produção. Critica o mito perigosos de que o desenvolvimento técnico trará por si mesmo a melhora da condição humana. A técnica em vez de dominação da natureza deve ser domínio da relação entre a natureza e a humanidade

Vê a perda da aura do objeto estético, paralelo a nossa perda da experiência, como algo em parte interessante, permite o objeto se aproximar das massas, mas sua reprodutibilidade liquida o valor tradicional do patrimônio da cultura. Para ele o cinema produz uma explosão terapêutica do inconsciente. Vê no cinema e na fotografia possibilidades revolucionárias e cria o conceito de inconsciente ótico paralelo ao de inconsciente pulsional. Mas diz também que há um controle do cinema pelo capitalismo enquanto mercadoria. A fotografia na câmara lenta, na revelação, revela o espaço que o homem percorre inconscientemente. Mas com a comercialização se transforma em anúncio.

Benjamin é leitor de Valéry, outro poeta e crítico, seus textos sobre arte são importantes para Benjamin elaborar sua idéia de narração como um artesanato em que se trabalha a matéria da existência. A sociedade industrial e a informação difundida pelos veículos de comunicação de massa são responsáveis pelo perda da capacidade de narrar. Com Valéry e Mallarmé faz a crítica da concepção instrumental da língua, o que Mallarmé chamava de linguagem reportagem, que chama de concepção burguesa da linguagem , uma utilização apenas pragmática da linguagem.



Essa utilização pragmática é a que faz a informação veiculada pelos meios de comunicação da sociedade industrial. A narração é artesanal, mobiliza alma, olho e mão.

Em afinidades com Mallarmé e sua idéia de uma poesia pura, afirma a idéia de uma língua pura, da qual as línguas seriam fragmentos como cacos de um vaso quebrado, outra imagem. Sua teoria da tradução se baseia nessa idéia de uma língua pura, ideal e perdida. A tarefa do tradutor seria libertar na sua língua a língua pura que estava cativa no original. Pela transcrição o tradutor alarga as possibilidades de sua língua própria graças às línguas estrangeiras

Outro poeta importante para ele é Brecht, seu amigo e responsável por sua virada marxista e pelo aproveitamento que faz do épico brechtiano na idéia de um romance épico criado pela montagem O teatro épico se opõe ao teatro que é puro divertimento, exige reflexão do espectador através de interrupções na cena. Mostra o homem capaz de agir sobre o ambiente. Une prazer e reflexão. Benjamin pensa a idéia de um romance épico criado pela técnica de montagem.

Benjamin tem uma correspondência com Gershom Scholem, seu amigo pensador judaico que mostra seu outro lado interessado na mística judaica. Em *História de uma amizade*, Scholem chama-o de rabino marxista. Imagens da cabala povoam seus textos como a dos cacos do vaso quebrado

Benjamin encontrou nos surrealistas o último sinal da inteligência européia. Têm uma idéia radical de liberdade. Neles a linguagem tem precedência, trabalham uma profusão de imagens: Como diz, a imagem e a linguagem passam na frente. O surrealista produz entre a memória e o sonho A partir deles cunha a expressão *iluminação profana* e diz que é preciso mobilizar para a revolução as forças da embriaguez e do êxtase. Criar um espaço imagético é criar um espaço corporal, o que ele liga à idéia de transformação política. Breton tem muito a ver com o romantismo.

Benjamin escreveu um livro que revela que a matriz de seu pensamento e estética é o primeiro romantismo alemão. De 1919 é sua tese sobre o conceito de crítica de arte no romantismo alemão e é importante para pensar a crítica. Aqui não se fala mais de um crítico juiz, mas do crítico pensador que desdobra a reflexão contida na obra. A reflexão está na forma da obra de arte e pode ser desdobrada ao infinito. A crítica é também um desenvolvimento da autoreflexão daquele que critica.



Aqui se vê a relação de Benjamin com Novalis e Schlegel e toda a teoria da linguagem romântica. Aqui se entende seu culto das imagens. O romantismo tem uma teoria da magia da linguagem que vem de Herder, Hamman e outros que vêem a origem da escrita na imagem e o mundo como um livro de hieróglifos, uma escrita imagética, a ser decifrado, traduzido pelo poeta. O pensamento é analógico, estabelece semelhanças, relações entre as coisas, as correspondências de Baudelaire., por isso filosofia e poesia se aproximam, Além do trabalho do conceito, a filosofia de Benjamin trabalha com imagens que são as idéias estéticas de Kant, aquilo que não se deixa apreender por conceitos e é próprio da poesia.

Sua idéia de alegoria é romântica, escrita enquanto imagem. Cada idéia por mais abstrata que seja é comprimida numa imagem e essa imagem é impressa numa palavra.

Porque um pensamento por imagens que ele chama de dialéticas, a reflexão de Benjamin é inesgotável. Contra a visão clássica que vê a linguagem como instrumento, para ele o pensamento tem um ritmo, é apresentação da verdade, que só se dá ao ser exposta, por isso sua forma é o ensaio como fragmento e o método como desvio. Como os românticos alemães, pensa que para mudar o mundo é preciso mudar o nossa forma de pensar.

Benjamin escreveu ainda sobre Kafka, Goethe, Hölderlin, pensando com eles , unindo na sua crítica, filosofia, história e ainda tradução.

Hoje seu tradutor italiano, um pensador importantes sobre arte e política, Giorgio Agamben, parte de várias idéias- imagens suas, Agamben reflete sobre o mundo hoje com a expressão de Benjamin, “o estado de exceção é a regra”, das suas teses sobre a história.

Esse pensamento por imagens que se dá em sua obra revela uma imaginação, própria dos poetas, que pode se opor à barbárie moderna, tornando-nos capazes com ele de viver e intercambiar experiências.

